

UMA VISÃO DA COMUNIDADE LGBTQIAP+ DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIFIMES

Breno Victor de Oliveira Martins¹

Letícia Tidre Tonial¹

Eric Mateus Nascimento de Paula²

José Humberto Rodrigues dos Anjos³

Ísis Assis Braga²

A pauta LGBTQIAP+ tem ganhado espaço a cada ano, em círculos sociais, políticos e acadêmicos, ocupando nichos na sociedade que outrora não eram comuns. Um exemplo, é a área de atuação em Ciências Agrárias, que tradicionalmente era ocupada em sua maioria por homens e algumas mulheres héteros (as) cisgênero (a). Compreender o cenário atual de inserção torna-se crucial também no âmbito do ensino superior, sendo assim, o objetivo do trabalho é realizar uma análise da comunidade LGBTQIAP+ dos cursos de Ciências Agrárias da UNIFIMES, Mineiros/GO. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário semiestruturado, elaborado no *Google Forms* e disponibilizado aos graduandos de Medicina Veterinária e Agronomia, de forma imparcial, no período de 02 a 22 de setembro de 2022. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi adicionado ao questionário, garantindo a autenticidade dos dados coletados e a permissão de publicação dos resultados. Neste contexto, foram obtidas respostas de 83 discentes, 81,92% acadêmicos de Medicina Veterinária e 16,83% de Agronomia, os quais 57,8% se identificam como mulheres cisgêneros e 42,2% como homens cisgêneros. Em relação à orientação sexual, 77,1% são héteros e 22,89% pertencentes à comunidade LGBTQIAP+. Estratificando esse último grupo, 21,05% são gays, 10,52% lésbicas e 68,42% bissexuais/pansexuais. Foi indagado aos discentes se já sofreram LGBTfobia no ambiente institucional e/ou estágio externo e 10,97% e 3,61% afirmaram respectivamente que sim, ocorrendo na forma de “chacotas, falas preconceituosas e piadas maldosas”. Entende-se LGBTfobia ou homotransfobia como discriminação e ódio à um estilo de vida que não se enquadra no padrão da sociedade (heteronormatividade e

¹ Discente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. (E-mail: brenooliveira.1458@gmail.com)

² Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES.

³ Docente da Universidade Federal de Goiás- UFG



cisnormatividade). Nesse ínterim, 75,3% dos graduandos já presenciaram atos de homotransfobia na instituição, e 22,89 % acreditam que a instituição está preparada para lidar com as questões de diversidade no ambiente educacional, enquanto que, 33,73% responderam que não e 43,37% talvez. Tal cenário pode ser justificado pois muitos ainda não se sentem representados e não percebem ações efetivas por parte da faculdade ou de seus funcionários. Portanto, compreender como os espaços e organizações abordam a temática é de extrema importância. Da mesma maneira, buscou-se compreender a percepção dos entrevistados em relação ao acolhimento dos colegas de turma com a comunidade LGBTQIAP+, em que foram obtidas as seguintes avaliações: bom (45,78%), insuficiente (32,53%), excelente (10,84%), ruim (8,43%) e péssimo (2,4%). Por fim, 21,05% dos respondentes afirmam não receber apoio da família na área de atuação escolhida, o que gera uma preocupação, pois o apoio nessa etapa da vida torna-se muito importante para autoestima e a saúde mental dos acadêmicos. Com isso, conclui-se que o perfil de acadêmicos da Medicina Veterinária e Agronomia apresenta um certo avanço para a comunidade LGBTQIAP+. Mas ainda verifica-se que existe uma ausência de pessoas transgêneros, queer, intersexo e não-binários, permanecendo um perfil de estudantes heterocisnormativos. Existe ainda um ambiente nocivo e passivo de comportamentos homotransfóbicos nos espaços de formação profissional em Ciências Agrárias, cabendo às instituições de ensino e empresas desenvolverem ações mais efetivas de apoio a comunidade em discussão e de combate a LGBTfobia.

Palavras-chave: Discentes. Homotransfobia. Gênero. LGBTfobia. Orientação sexual.